

A boca do presidente

CARLOS MONFORTE

São muito conhecidas histórias de pessoas que, por uma boa frase, por uma boa piada, podem perder antigas amizades. E há pessoas que, como o deputado, ex-ministro e economista Delfim Netto, são reféns da frase de efeito, da frase espirituosa, que sempre tem de coroar sua conversa. Há, ainda, gente que não consegue segurar uma resposta, uma frase que bem poderia ser deixada de lado. Deste último tipo de gente faz parte o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, amigo de todos os jornalistas, e de inteligência aguçada e crítica.

Pois com essa mania, o presidente eleito deixou seus assessores de cabelo em pé durante toda a sua viagem pela Europa. A cada dia, esperavam ansiosos os jornais, ou o noticiário da televisão, à noite, para saber qual motivo iam ter para não dormir direito. Se ele não consegue fechar a boca diante de simples provocações, já imaginou passeando descontraidamente, e todos os dias, com jornalistas, pelas ruas de Praga e Budapeste, longe dos ares de Brasília, São Paulo? É de arrepiar qualquer assessor.

E Fernando Henrique não deixou por menos. Vocês viram o que saiu publicado, e foi ao ar: a piada sobre o quadro do cavaleiro no museu ("eu ando de cavalo e dizem que ando de jegue, esse aí monta a cavalo e vira quadro"); comentário sobre o carro que quase o atropelou ("esse deve ser motorista do Marco Maciel"); e outras tantas que, felizmente para os assessores, a imprensa não publicou.

Mas na volta da Europa, o futuro presidente parece que se emendou, agora para desespero dos jornalistas daqui, acostumados a abundantes declarações e frases simpáticas e de efeito, que sempre marcaram o relacionamento do senador Fernando Henrique com a imprensa. FHC vai ficar mudo. Principalmente agora que vai ter de costurar os

nomes de seu ministério e suas alianças políticas, trabalho que exige sombra e discrição, qualidades nem sempre presentes nos políticos paulistas e cariocas.

Até já adiantou: vai ter porta-voz, também fato novo, uma vez que havia dito que ele mesmo iria portar sua voz.

Mas na presidência isso é impossível.

Ele terá de nomear alguém de sua confiança para fazer o papel de intermediário entre seus atos, suas idéias, suas posições, seus planos, e o grande público.

O porta-voz é o caminho mais adequado entre a cabeça do presidente e a imprensa. E não terá necessariamente de ser um super assessor, mas alguém de confiança que não distorça informações, o que seria fatal. O que o porta-voz precisa ter é credenciamento e informações abundantes para abastecer um segmento sempre ávido de notícias.

Na verdade, o maior trabalho do futuro presidente não vai ser escolher o porta-voz e dar a ele as funções que deseja. O maior trabalho vai ser segurar a boca da máquina e sua própria boca. A máquina, porque jornalista quer notícia e vai procurar por todos os caminhos onde ela possa estar. E sua própria boca, porque ninguém consegue ir contra a natureza, boquirrota, e que não perde a oportunidade para uma boa resposta, espirituosa, engraçada ou gentil.

Vai ser difícil fechar a boca do presidente. Será um trabalho adicional de sua assessoria, que já vai ter muito, tentando calar os que querem aparecer, e os que não conseguem segurar a língua. Para nós, da imprensa, vai ser um jogo curioso, trabalhoso, mas que terá de ser jogado. Na verdade, é mais uma experiência que vamos enfrentar. No entanto, como das outras vezes, mais dias menos dias os furos vão ser descobertos e as notícias vão vazar. Pelas chamadas fontes credenciadas, ou mesmo pela boca agitada do desinibido, inquieto senador, agora presidente.

■ Carlos Monforte é jornalista